



Programa Europeu Appreunance

S
I
N
T
E
S
E

Na Europa, e no mundo em geral, a incerteza tornou-se a norma. Neste contexto e tendo em conta os desafios da aprendizagem nos dias de hoje, as organizações de formação profissional e vocacional devem questionar o seu ecossistema, de modo a adaptar-se às metamorfoses atuais.

Incorajadas pelas Diretrizes Europeias 2021/2027 (ERASMUS +), as entidades formadoras são impelidas a questionar os seus departamentos de engenharia. A área Europeia representa um perímetro relevante para questionar o futuro da aprendizagem na formação profissional. De facto, com práticas diferentes, muitos sistemas de formação profissional estão interessados na ideia de formação em alternância (sistema dual) e tentam dar um lugar à experiência na aprendizagem.

Desenvolver investigação para compreender a engenharia educacional foi o objetivo (ambicioso) deste projeto europeu. Foi por isso que, para estruturar a reflexão e sobretudo para vislumbrar uma forma original de pensar a formação, foi proposto estudar as práticas atuais sob o prisma do conceito de "Appreunance", uma vez que o mesmo revela um potencial interessante que pode alimentar positivamente as práticas de formação em alternância.



Philippe Carré dá a definição: "Appreunance descreve um conjunto de disposições no jovem aprendiz: afetivas, cognitivas e conativas (ideia de esforço), favoráveis ao ato de aprendizagem, em todas as situações, formais ou informais, experienciais ou didáticas, autodirigidas ou não, intencionais ou fortuitas" (2005).

Atualmente, este conceito vai para além do campo onde nasceu (ciências educacionais) e está a florescer no seio de uma sociedade que se tornou ela própria (potencialmente) aprendiz. Este foco no conceito de appreunance mostra um desejo de reinventar formas de aprendizagem num contexto de incerteza e complexidade. Para além disso, o lugar deixado para o "outro" (lugares, tempos e atores diferentes) na formação em alternância dá ênfase a esta definição. Foi por esta razão que o conceito foi considerado relevante para o projeto.

Práticas de formação em alternância para um modelo europeu de aprendizagem: criar ambientes capacitantes na formação em alternância.

Metodologia

O inquérito sobre sistemas educativos pretende:

- **Conhecer** a disponibilidade formativa das organizações parceiras do programa, questionando os objetivos educacionais, a articulação das atividades educativas entre o ambiente socioprofissional e o centro de formação, parcerias e abertura, apoio, autodireção, cobertura mediática e ferramentas.
- **Questionar** os alunos sobre ambientes que facilitam a aprendizagem no ambiente socioprofissional e dentro da organização formadora.

Áreas onde investir

Uma síntese deste trabalho de investigação-ação à escala europeia revela 4 áreas complementares que merecem o investimento das instituições na implementação da formação profissional. Tal envolve apoiar a implementação de sistemas de formação que promovam:

Ambientes “capacitantes” de aprendizagem

Do que é que estamos a falar ? Inspirados pelo conceito de “capacidades” desenvolvido por A.Sen, considera-se que um ambiente propício é “um ambiente favorável ao desenvolvimento do poder de ação dos indivíduos” (Fernagu, 2012). Nesse sentido, o poder para agir sobre o ambiente é a capacidade dos indivíduos de agirem sobre o seu próprio ambiente, tendo em conta o potencial oferecido por esse mesmo ambiente.

Proposição: Esta definição tem em consideração a dimensão do “poder agir” (Eu posso fazer; tenho os meios para), para a escolha de agir. Permite-nos combinar: querer, saber e poder agir (posso fazer, quero fazer, sei fazer e aproveito os meios) numa dada situação (no que diz respeito às oportunidades, mas também impedimentos).

Assim, para promover o carácter de “capacidade” de um ambiente, propõe-se que se pensem em sistemas que não só disponibilizem recursos aos alunos, mas que também ajudem a mobilizá-los tanto na organização formativa como no ambiente socioprofissional.

Os ambientes são concebidos tendo em conta as possibilidades de aprendizagem que oferecem e os fatores que permitem aos alunos em alternância viver e explorar as experiências vividas nestes ambientes. Trata-se de saber como possibilitamos que os indivíduos aprendam, para analisar como eles se apropriam dos recursos para otimizar as suas possibilidades de ação. Um ambiente empoderador visa despertar o desejo de aprender, proporcionando a oportunidade de desenvolver habilidades já existentes e adquirir novas.

Promover a experiência dos alunos

Do que é que estamos a falar? A aprendizagem tem lugar in loco, através da experiência. A atividade mobiliza recursos para realizar a ação. Dá sentido à aprendizagem e contribui para a motivação.

Proposta: Implica pensar em sistemas que usam e promovem a experiência socioprofissional como uma alavanca de aprendizagem. Para isso, a organização do tempo de reflexividade representa um meio de ancoragem.

A (re)estruturação da aprendizagem só pode ser atingida se houver feedback e reflexão sobre a experiência.

Os alunos devem olhar para o que fizeram, aprender com isso, formalizar os princípios e testá-los outra vez. Nem toda a experiência é necessariamente uma experiência de aprendizagem. Dar sentido e interesse às atividades propostas, tornando-as acessíveis, com uma complexidade aceitável, oferecendo recursos adequados e um ambiente humano de apoio e facilitação são condições que favorecem este trabalho reflexivo.

Para fazer isto, os formadores asseguram a qualidade das condições da experiência e apoiam os parceiros da formação (tutores, família, etc.) neste desejo.

Aprendizagem entre pares

Do que é que estamos a falar? A aprendizagem entre pares ou "Paregogia" deriva da expressão inglesa "peer learning". É composta por ferramentas e metodologias baseadas em trocas entre pares.

Proposta: A ideia é construir sistemas de formação que ofereçam a oportunidade de comparar perspetivas. O objetivo é facilitar a pedagogia do encontro e da cooperação: entre alunos em alternância, entre alunos e pares coformadores (tutores, formadores, famílias, ...).

Esta cooperação funciona como um amplificador da aprendizagem, porque tem lugar num quadro de interações que leva as pessoas a ouvirem-se umas às outras, a construir arbitragens na situação, a enriquecerem-se com diferentes pontos de vista, a co-construir...

O aluno como contribuidor

Do que é que estamos a falar ? A ideia de o aluno contribuir tem como objetivo dar-lhe voz, no sentido de co-construir uma resposta adaptada às suas necessidades.

Proposta: Em termos de formação, são raras as vezes em que é dada oportunidade aos alunos de interagir nos sistemas de formação. Se conseguirem exprimir as suas necessidades e sentimentos (com um elevado padrão de "qualidade"), será que vão ser realmente escutados e ouvidos e que a sua voz irá contribuir para a engenharia?

Em que medida é que os cursos de formação construídos em resposta aos requisitos (referências, prioridades institucionais) são capacitantes? Quais são as necessidades e expectativas dos alunos? O que é que faria a aprendizagem mais fácil? ... são alguns exemplos de questões que merecem ser exploradas com os alunos numa lógica de "aluno-contribuidor" .

E para amanhã?

Este trabalho de investigação-ação contribuiu para repensar os modelos estabelecidos na engenharia da formação em alternância. Tal não pode ser feito sem uma reflexão aprofundada sobre a formação de educadores e formadores. De facto, conceber estas técnicas de engenharia únicas exige ter em conta condições complexas, a fim de promover experiências em ambientes de aprendizagem “capacitantes”.

Tal requer que olhemos para o ato de aprender, focando-nos nos alunos, nas suas capacidades, disposições e intenções, mais do que no ato pedagógico do formador. A prioridade não é transmitir conhecimento, mas apoiar os jovens a procurá-lo e a construí-lo no ambiente (académico, socioprofissional). Com a formação em alternância, o aluno aprende a toda a hora, em qualquer momento, em qualquer lugar.

O essencial para o futuro é, por isso, não só a atitude em relação à formação, mas sobretudo a atitude em relação à aprendizagem ao longo da vida.

Nesta perspetiva, o papel do formador é organizar as condições para a emergência de ambientes e situações favoráveis ao desenvolvimento das pessoas, assim como pensar a articulação entre os atores do meio socioprofissional (aluno em alternância, pais, tutores, equipa, etc.) com esta intenção. Neste contexto, o formador é um arquiteto de apoio.

Para além disso, ter como objetivo desenvolver o poder de agir, requer que o formador forneça espaços abertos para a liberdade de escolha, para o exercício efetivo da responsabilidade, onde a pessoa que está a obter formação se autoriza.

Para integrar esta complexidade, é fácil compreender que a profissão de formador não pode ser improvisada e requer formação para além da dada pelo professor.



Participaram:

- Luis Mesquita – Poliksena Hardaleva – Ceu Gomes / Portugal Ae20
- Johannes Arnason – Daníel Freyr Jónsson – Sigríður Huld Jónsdóttir – Dagbjört Agnarsdóttir – Hrafnhildur Sigurgeirsdóttir / Islande VMA
- Nives Počkar – Darja Harb / Slovenia, SZKSC
- Andre Chauvet – Carlos Ribeiro / France Kelvoa
- Michel Urbain / Belgium OFFA
- Siobhan Magner – Edel Gavan – Jessica Martin / Irlanda MSLETB
- Marie Bluteau / France, ANFRA
- Philippe Ristord / France, UNMFREO

